



ENTREVISTA

ENTREVISTA COM RAFAEL GROHMANN¹

CPF: A criatividade como capital humano e gerador de propriedade intelectual pode ser desafiada pela dissociação que a inteligência artificial (IA) produz entre a criatividade e a ação humana? Quais os possíveis efeitos disso para o que entendemos como “trabalho”?

Rafael Grohmann: Vou tentar responder de uma maneira que dê conta das questões de como a IA afeta tanto a criatividade quanto o trabalho. Para mim, trabalho é sempre uma atividade humana, portanto, máquinas não trabalham. Máquinas podem ter efeitos sobre o real, mas são programadas por seres humanos. A IA se apropria do trabalho humano. Isso está tanto na obra do brasileiro Álvaro Vieira Pinto, *O Conceito de Tecnologia*, escrita nos anos 1970, quanto em livros mais recentes, como *The Eye of the Master*, de Matteo Pasquinelli, que aborda como a IA se abastece da expropriação do conhecimento coletivo humano. Então, a criatividade pode ser vista como um atributo humano.

Uma máquina não faz algo que seja exatamente criativo porque ela está sempre se baseando em algo que foi feito antes; ela não cria algo muito fora do comum. Ela segue padrões, inclusive estéticos, como ocorre, por exemplo, com o Midjourney. Conseguimos reconhecer a estética de algo que foi feito por essa IA. Claro que outras ferramentas podem não parecer ter um padrão, mas a IA confunde os aspectos da substituição da classe trabalhadora por ela. Isso é algo que a literatura sobre IA e trabalho tem tratado mais na ordem da substituição ou do *deployment* e menos em torno de quem são as pessoas que trabalham para alimentar e treinar o sistema de inteligência artificial.

Um segundo ponto é: será que estamos sendo mesmo substituídos ou tem acontecido um processo que chamamos de **heteromação**? O que é “heteromação”? Em vez de uma automação, estamos vivendo um contínuo processo de seres humanos envolvidos com a IA, com uma precarização ainda maior da classe trabalhadora. Mas não é que o humano vai ser substituído. A ideia de substituição é interessante porque achávamos que a IA poderia automatizar trabalhos que não gostaríamos de fazer para liberar a ação humana para aquilo que seria mais criativo. No entanto, estamos vendo exatamente o contrário. Em vez de ser substituído por máquinas, o ser humano está tendo de treiná-las. Então, o que a disseminação da IA

¹ Professor de Estudos de Mídia na Universidade de Toronto, no Canadá. E-mail: rafael.grohmann@utoronto.ca

faz é mais confundir as pessoas sobre o conceito de criatividade do que exatamente retirar ou dissociar essa criatividade da ação humana.

A criatividade continua sendo a ação humana. Para mim, essa diferenciação de trabalhadores criativos é uma segmentação do capital. Claro que existe a divisão do trabalho, mas essa divisão do que seria criativo e do que não seria criativo é algo que é uma ideologia em si mesma.

CPF: Como a IA poderá afetar o setor da “indústria criativa”, considerado muitas vezes como um caminho para as crises do trabalho e da economia pós-industrial contemporânea em decorrência de seu suposto crescimento econômico irrestrito? A criatividade como mercadoria facilitaria essa transição?

Rafael Grohmann: A própria ideia de indústria criativa é uma ideologia. Antes, isso se chamava “indústria cultural”. A partir de determinado movimento, junto com o próprio neoliberalismo no Reino Unido, passamos a usar o termo “indústrias criativas” por parecer mais otimista, com mais oportunidade de mercado, do que a ideia que nos é passada com a expressão “indústria cultural”, que estava marcada pelo chamado “pessimismo da Escola de Frankfurt”. E esse foi um marco não só acadêmico, mas também político e de políticas públicas. Muitos países, inclusive o Brasil, principalmente a região do Rio Grande do Sul, passaram a usar esse termo para designar uma série de setores da cultura, da comunicação, do *design* e da tecnologia. Então, não é exatamente pensar a criatividade como mercadoria, porque, se a criatividade é parte do ser humano, todos os trabalhadores são criativos, e a criatividade está no processo de trabalho em todos os setores.

Por que só alguns setores, como o da cultura, o da tecnologia e o das artes, são chamados de criativos e outros não? Isso nos foi vendido como a superação do trabalho, como pós-trabalho, como a era da informação, que são ideologias do final dos anos 1990 e do início dos anos 2000. Agora, estamos vendo que eram realmente ideologias, porque são trabalhadores de determinados setores, da cultura, da educação, por exemplo, que são afetados por diferentes processos de digitalização. Muitas vezes, esses trabalhadores nem se consideravam trabalhadores. Nas nossas pesquisas sobre jornalistas, no início dos anos 2010, esses profissionais diziam que não se consideravam trabalhadores; consideravam-se como parte de uma missão ou como intelectuais. Assim, a ideia de indústria criativa, historicamente, também ajudou a invisibilizar o trabalho por trás da indústria.

A digitalização afeta os setores da cultura, da arte, da tecnologia há pelo menos 30 anos. Se formos pensar em trabalhadores do audiovisual, quantos não foram afetados pelo VHS, pelo DVD e por outras tecnologias?

Com a IA, a pergunta a ser feita antes é: o que estamos chamando de IA? E como esse nome também ajuda a tornar mais nebulosos tanto os problemas quanto as soluções em relação à IA? Lidar com processos ligados a algoritmos e dados – trabalhadores da cultura têm enfrentado isso há pelo menos uma década. Também nos deparamos com o processo de plataformação do trabalho, que envolve, em algum sentido, o gerenciamento algorítmico e a dataficação. Dessa maneira, podemos pensar nos impactos da IA partindo da definição sobre qual conceito de IA estamos abordando. Decidido isso, precisamos ir além da discussão sobre a substituição de humanos por IA e pensar em como essa convivência pode ocorrer.

Por exemplo, não é de hoje que vários trabalhadores da cultura, da educação e da arte utilizam ferramentas que automatizam parte de suas tarefas, como criar *slides* e apresentações, usando plataformas como o Canva, que não é exatamente uma IA, mas cria a partir de conteúdo predefinido. Isso significa uma relação de dependência infraestrutural; também há uma dependência da gramática, das chamadas *affordances*; e há, ainda, uma dependência econômica em algum sentido. Portanto, para além de pensar a substituição, precisamos pensar as formas de dependência e o redesenho das atividades de trabalho com base nos processos de IA constituídos como, como uma consequência da já agravada flexibilização e precarização nos trabalhos de cultura, artes e tecnologia.

CPF: Quais os possíveis impactos da IA no consumo cultural?

Rafael Grohmann: A IA já afeta nosso consumo cultural. Os algoritmos do YouTube e de plataformas de *streaming* moldam nosso gosto. Plataformas como Instagram e Spotify detectam nossas preferências a partir das *playlists* e do que consumimos. Esse rastreamento constante dos nossos dados nos prende ainda mais aos nossos gostos anteriores. O que temos percebido até agora é que temos ficado cada vez mais presos ao que já gostávamos, e é difícil sermos surpreendidos com as sugestões de músicas e filmes que recebemos; acabamos ficando restritos a um mundo que nós mesmos ajudamos a construir. É um mundo ensimesmado, inclusive em termos de consumo de notícias, de arte.

Mas isso não significa que voltaremos a uma era em que nos preocupávamos somente com as maneiras pelas quais a mídia moldava os gostos das pessoas e não com o que as pessoas faziam com os meios de comunicação. Isso é muito mais necessário no mundo de hoje. Nos anos 1960 e 1970, os estudos culturais fizeram esse importante trabalho de mostrar como as pessoas não eram tão alienadas como se pensava e que elas consumiam criticamente os meios de comunicação, tudo isso considerando recortes de classe, raça, gênero, sexualidade. No entanto, nos dias atuais,

a maior parte da literatura ainda está focada em como os algoritmos, as plataformas, moldam o consumo, e não em como os cidadãos têm consumido e se reapropriado desse cenário, afinal, essas pessoas continuam sendo sujeitos sociais. Uma das exceções a essa abordagem é o livro *Living with Algorithms*, de Ignacio Siles, publicado pela MIT Press.

CPF: Poderíamos equiparar a criatividade humana à criatividade da IA em produções artísticas? Em que medida a subjetividade humana poderá ser igualada a uma tecnicidade que pretende emular sentimentos e impulsos humanos? Seria possível humanizar a IA?

Rafael Grohmann: Como eu disse, para mim, a criatividade é sempre humana. Não existe criatividade por parte da IA, isso seria um simulacro de criatividade. A IA nunca é criativa, porque não é humana. A IA se abastece do chamado intelecto geral que Marx colocou em sua obra; a IA expropria tal intelecto. Por isso a IA não é artificial, que depende de dados, de trabalho humano e de recursos planetários, como afirma Kate Crawford, no livro *Atlas da inteligência artificial*. A IA nunca chega a se humanizar. Sobre a reflexão entre IA e arte, indico um curta-metragem muito bom chamado *Recoding Art*, dos artistas visuais Bruno Moreschi e Gabriel Pereira.

CPF: Recentemente, testemunhamos mobilizações de setores artísticos contra o uso de IA, como a greve de roteiristas, a campanha pela dublagem viva e pedidos de proteção do setor musical contra o uso predatório da IA. É possível impedir o avanço dessa tecnologia ou regular seus usos? Já existem casos internacionais de regulação da IA?

Rafael Grohmann: Há discussões sobre a regulação da IA em vários países. Canadá e Brasil, por exemplo, estão lançando estratégias nacionais para lidar com essa tecnologia. Em vários desses casos, a IA faz parte de uma estratégia mais ampla de soberania digital ou tecnológica. Porém, essa governança na IA não vai vir somente dos Estados ou da chamada sociedade civil; é possível ter uma governança artificial vinda da classe trabalhadora, que pode e deve lutar por uma IA mais justa no que se refere ao lugar do humano e dos diferentes ambientes de trabalho. Um dos exemplos disso é o protesto dos roteiristas de Hollywood.

Hollywood tem uma longa história de lutas relacionadas às tecnologias no ambiente de trabalho, desde o VHS, discutindo direitos intelectuais e autorais e regulando o uso dessas tecnologias. Os roteiristas de Hollywood conseguiram um acordo inédito, que limita o uso da chamada IA generativa no ambiente de trabalho. Estúdios e plataformas de *streaming* não podem simplesmente usar, no ChatGTP, roteiros antigos premiados para criar novos roteiros. Isso é proibido.

Os atores em Hollywood estão lutando para ter seus direitos reconhecidos, levantando uma questão importante. O acordo que eles estão tentando firmar envolve serem pagos pela dublagem automatizada feita por IA em mais de 12 línguas. Isso pode ser muito justo para esses trabalhadores. Aliás, a greve de Hollywood, que foi a mais significativa e a maior em mais de 35 anos, teve um impacto que resultou em um acordo inédito, graças à visibilidade e ao poder de barganha dos trabalhadores hollywoodianos. No entanto, essa regulação em relação ao uso da voz e da IA pode impactar negativamente os dubladores em países como o Brasil. Isso nos leva a refletir sobre os custos globais da IA e seu impacto em países do chamado mundo majoritário, resultando em uma crescente dependência econômica.